

Um ladrão comum

Pá! Um vaso de flores caiu sobre a calçada enquanto George Müller esticava o pé para chegar ao chão. Ele estava descendo pela janela de trás da pousada onde havia se hospedado, e ao ouvir o som, congelou.

Após ter certeza de que ninguém o escutara, George baixou um dos pés suavemente sobre o chão de pedra, depois o outro. Com 16 anos, ele ergueu o corpo alto e magro até ficar totalmente de pé e olhou ao redor. “Bem”, murmurou para si mesmo em voz baixa. “Estou a salvo. Agora é só cair fora daqui”.

Um momento depois, George percebeu que falara cedo demais. Policiais apareceram do outro lado da rua e começaram a correr em sua direção. Ele girou o corpo, procurando desesperadamente por algum meio de escapar, mas não havia nenhum. Antes que percebesse, as

mãos fortes do policial agarraram seu braço e o levaram com dureza pela rua de paralelepípedos em direção à prisão.

Uma hora mais tarde, George aguardava a chamada de seu nome. O banco de madeira sem encosto onde estava sentado era duro e desconfortável, e as correntes à volta dos pulsos e tornozelos finos machucavam sua pele.

Enquanto aguardava, o jovem pensava em quão chocado seu pai ficaria ao vê-lo acorrentado. Mas, ele não ficaria mais chocado que o próprio George estava no momento. Ele fizera coisas desonestas algumas vezes antes, mas, esta era a primeira vez que havia sido pego. Ou melhor, a primeira vez que fora pego pela polícia. Quando contava 10 anos, seu pai o descobrira, o que acabou se tornando uma experiência dolorosa e humilhante. Seu pai Johann Müller, era um coletor de impostos do governo prussiano,¹ e muitas vezes deixava grandes somas de dinheiro em casa. O sr. Müller continuamente reclamava da falta de pequenas quantias desse, mas, George e seu irmão caçula afirmavam não saber de nada sobre o assunto.

¹ A Prússia foi uma região histórica da Europa fundada em 1525, de língua alemã, que fazia fronteira com a costa sudeste do mar Báltico. Tornou-se conhecida por seu poderoso exército. Após séculos de conquistas, uniões e separações, deu origem à Alemanha, em 1871, tornando-se parte desse país. Foi dissolvida oficialmente como região geográfica em 1949, dando origem à Renânia do Norte-Vestfália, Baixa Saxônia, Hesse, Renânia-Palatinado e Schleswig-Holstein. (N. do R.)

Um dia, George foi chamado ao escritório do pai, que lhe havia preparado uma armadilha. O sr. Müller havia contado e separado uma quantidade de moedas deixadas no canto da mesa. Quando George chegou ao escritório, o pai fingiu que precisava ir a outro cômodo. Sozinho no escritório, George viu a pilha de moedas na mesa do pai e pensou em todas as coisas maravilhosas que poderia fazer com o dinheiro. Parecia um pecado colocar todas aquelas moedas na bolsa oficial de couro preta e entregar o dinheiro a algum oficial do governo. Assim, George se aproximou da mesa de forma sorrateira e silenciosa retirou três moedas de cima da pilha. Quem sentiria falta delas? George escondeu as moedas na meia direita com rapidez.

Assim que Johann Müller voltou ao escritório, para o desalento de George, olhou diretamente para a pilha de moedas.

— Que estranho — ele disse em uma voz baixa e forçada que George já aprendera a temer. — Pensei que havia mais moedas do que essas que estão aí. Deixe-me contá-las.

George podia sentir as bochechas ficando quentes e vermelhas. Seu coração disparou. As moedas frias estavam pressionadas contra seu tornozelo dentro da meia.

— Esvazie seus bolsos — disse o sr. Müller de forma controlada, olhando o filho nos olhos.

— Mas, papai... — George começou a falar, mas pensou melhor e se calou. De maneira obediente, esvaziou

seus bolsos sobre a mesa. Havia uma caneta de pena, três bolinhas de gude e uma cordinha de uns 20 centímetros. George esvaziou os bolsos e os deixou do lado avesso para que o pai visse que eles estavam vazios.

— Agora tire a camisa.

George ficou horrorizado. Quão longe o seu pai iria antes de acreditar no filho mais velho?

— E as calças.

George começou a ficar apavorado. As coisas não pareciam boas. Caso seu pai descobrisse as moedas na meia, George apanharia. E de acordo com as experiências anteriores, George sabia que um menino com suas calças arriadas era um alvo especialmente fácil.

— Agora as meias — continuou o pai com a voz determinada.

George as tirou bem devagar de seus pés. Primeiro a esquerda e depois a direita, tomando cuidado para que elas não tilintassem ao encostarem umas nas outras.

— Entregue-as para mim — exigiu seu pai.

O coração do menino bateu ainda mais rápido. Seu rosto parecia pegar fogo naquele momento. George abaixou os olhos enquanto dava as meias ao pai.

Um segundo depois seu pai explodiu:

— Meu filho, um ladrãozinho ordinário! Como você ousa desgraçar o nome da família Müller. Venha aqui agora!

Ele pegou a vara que ficava em pé no canto do escritório.

Vapt! Vapt! Vapt! A surra parecia durar para sempre. A dor era excruciante. George sentiu que as pernas começaram a ceder ao mesmo tempo em que a ira do pai diminuiu e a punição chegou ao fim.

— Você nunca mais vai roubar, me ouviu? — disse Johann Müller, chacoalhando os ombros do filho para enfatizar cada palavra.

— Sim — gaguejou George.

— Agora saia da minha frente — rugiu o pai, apontando a direção da porta.

George juntou as roupas e andou meio que rastejando até a porta, não parando nem para se vestir. Naquele exato momento ele não se importava com quem o visse; seu traseiro latejava muito. Ele subiu até o quarto no segundo andar e trancou a porta atrás de si. Seguro, dentro do quarto, caiu na cama e chorou toda a dor do seu coração.

— Enquanto eu viver nunca mais farei isso — prometeu a si mesmo entre soluços enquanto passava as mãos nos vergões nas pernas e nádegas.

George não prometera nunca mais roubar. Não, ele amava muito a emoção e a aventura de roubar para deixar de fazê-lo, sem mencionar a recompensa. O menino prometeu a si mesmo que jamais seria pego de novo. Roubar era estimulante, mas ser pego era doloroso e humilhante!

Agora, seis anos depois, ele fora pego de novo. Como pudera ser tão estúpido?